

**A POESIA CONTEMPORÂNEA DE IARA VIEIRA:
UMA LEITURA DE A ÍNTIMA HUMANIDADE****CONTEMPORARY POETRY BY IARA VIEIRA:
A LECTURE OF THE ÍNTIMA HUMANIDADE**Juliana Freitas Calado LIRA¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar elementos da poesia contemporânea na lírica da escritora Iara Vieira. Através das contribuições de Resende (2008), Proença Filho (2006) e Nunes (2009) buscaremos destacar a presentificação, a tragicidade e a revisitação a uma tradição modernista na análise do livro póstumo *A íntima humanidade*, lançado em 2003, para demonstrar as especificidades de sua lírica e dar visibilidade ao legado da poetisa sergipana.

PALAVRAS-CHAVE: Iara Vieira. Poesia brasileira contemporânea. Presentificação

ABSTRACT: This article aims to present elements of contemporary poetry in the lyric of the writer Iara Vieira. Through the contributions of Resende (2008), Proença Filho (2006) and Nunes (2009) we will highlight the presentification, the tragicity and the revisiting of a modernist tradition in the analysis of the posthumous book *The intimate humanity*, launched in 2003, to demonstrate the specificities of her poetry and give visibility to the legacy of the poet.

KEYWORDS: Iara Vieira. Contemporary Brazilian poetry. Presentification.

A poesia da sergipana Iara Vieira se caracteriza pela concisão. Seu domínio da arte de lapidar os versos, retirando suas arestas a fim de mostrar o poema da forma mais enxuta e, conseqüentemente, mais densa, reflete o elaborado trabalho poético que a escritora expressa em seus livros. Contudo, ainda que tenha obtido certa notabilidade no meio literário, tanto por sua atuação quanto por sua escrita, observamos que sua obra carece de estudos.

Para dar conta desse hiato, procuraremos apresentar elementos da poesia contemporânea na obra da escritora Iara Vieira, além de demonstrar as especificidades de sua lírica, na tentativa de dar visibilidade ao legado da poeta sergipana. Para alcançar esse objetivo faremos a análise do livro póstumo *A íntima humanidade*, lançado em 2003.

Iara Santos Vieira nasceu na cidade de Aracaju, em 09 de abril de 1949. Seu pai era funcionário da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro e, por isso, sua vida

1. Universidade Federal de Sergipe (UFS). Licenciada em Letras e doutoranda em Estudos Literários (UFS/PPGL/CAPES), São Cristóvão/SE, e-mail: julianalira185@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1910-4371.

foi marcada por diversas mudanças. A infância foi passada em Maceió e a adolescência em Salvador. Até que voltou para Aracaju, onde prestou vestibular e fez graduação em Letras na Universidade Federal de Sergipe.

Além de professora do nível médio e superior, Iara teve uma forte participação no cenário cultural sergipano da década de 1980. Junto com a professora Maruze Reis, desenvolveu cursos, seminários, oficinas de criação literária e diversos projetos, como “O escritor mais perto do estudante: uma experiência viva”. Este último trouxe, a Aracaju, escritores renomados como Lygia Fagundes Telles, João Ubaldo Ribeiro, Marina Colasanti, Osman Lins, Afonso Romano de Sant’anna, entre outros, para conversar com os alunos sobre literatura e fazer literário.

Outra preocupação da escritora era a divulgação de novos autores. Seus aperi-tivos poéticos – antologias de poetas estreados e iniciantes – eram “servidos” em envelopes com poesias em folhas soltas e ajudavam a disseminar e também movimentar a cena literária sergipana. Alguns dos talentos revelados nessa época, como Ronaldson, Araripe Coutinho e Jeová Santana, ainda permanecem como representantes do panorama cultural do estado até hoje.

Iara também publicava, constantemente, poemas, artigos e resenhas, contribuindo para dar espaço à literatura em jornais e revistas, tanto locais quanto regionais. Seu trabalho era reconhecido e fez parte de várias antologias. Além de receber prêmios em diversos concursos de poesia por todo o Brasil.

Seu livro de estreia *Ruínas* (1977), influenciado pelo movimento concretista, apresenta textos experimentais e visuais, que possibilitam múltiplas leituras e significações. Em 1982, Iara lança *Interiores* e envereda na prosa com um livro de contos. *Esses tempos ad/versos* é editado em 1984 e dá destaque à figura feminina. Dez anos depois, é lançado *A fome do paraíso*, em que questões familiares se entrecrocavam com a poética da autora. *O coro da serpente*, de 2001, tem poemas inspirados em temas e personagens bíblicos, carregados de ironia e subversão. Finalmente, *A íntima humanidade* é lançado postumamente, três meses após seu falecimento, em dezembro de 2003.

Infelizmente, a obra de Iara Vieira foi produzida em pequena escala, geralmente em edições locais, e nunca foi reeditada, o que acaba por dificultar o acesso a seus livros e impede que o grande público possa desfrutar da lírica vieiriana. Ademais, a falta de estudos e pesquisas sobre a escritora e sua obra não permite que ela seja mais conhecida no cenário literário brasileiro.

Dentre os temas mais eloquentes na poética de Iara Vieira é possível destacar: a morte, a transcendência, a melancolia, o cotidiano, a mística religiosa (cristã e orientalista), a maternidade, a mulher e o erotismo. São temáticas bem arquitetadas, que perpassam toda a sua obra e contribuem para revelar seu estilo e sua voz lírica na contemporaneidade.

Os quarenta poemas do livro *A íntima humanidade* (2003) são divididos em três partes – Sinais, Ritos e Íntima Humanidade – que parecem simbolizar o caminho de descoberta da fragilidade e, ao mesmo tempo, da força que consolidam a condição humana. Iara enreda uma trajetória que culminará na transcendência da morte, que será transmutada em poesia.

A epígrafe é um trecho do “Sermão da montanha” e, embora a autora transcreva apenas o último versículo, não podemos deixar de retomar todo o segmento assinalado por ela, que vai desde os versículos 19 ao 21 e trata do sentido das verdadeiras riquezas, pois “onde está o seu tesouro, aí estará também o seu coração”, até os versículos 25 a 34, que revelam a ansiedade causada pela necessidade de bens para sobreviver, mas ressalta a premência de nos determos no momento presente com suas aflições suficientes. Resende (2008), ao analisar a poesia contemporânea, identifica algumas questões e preocupações que aparecem com frequência. Nesse sentido, ganha realce a presentificação, que é

[...] a manifestação de uma urgência, de uma presentificação radical, preocupação excessiva com o presente, que contrasta com um momento anterior, de valorização da história e do passado, quer pela força que viveu o romance histórico, quer por manifestações de ufanismo em relação a momentos de construção da identidade nacional. (RESENDE, 2008, p. 27).

Esse mote dará o tom do livro, já que a todo momento evoca o instante presente, ora carregado de padecimentos, ora repleto de descobertas e tesouros. Mas, por outro lado, parece servir como norte para a poetisa, como uma espécie de diretriz que deve ser seguida para lembrá-la de que, a despeito da “inquietação”, em que sente-se que “há uma chama/ nos olhos/ de quem espera” (VIEIRA, 2003, p. 9), é hora de fixar-se no agora.

“Sinais”, o primeiro segmento do livro, contém quatorze poemas, que podem ser lidos como símbolos, balizas, marcas, vestígios deixados pelo que já foi vivenciado, mas também são indícios precursores de algo que está por vir e que se encontra em compasso de espera. Quatro marcos sinalizadores podem servir para categorizar os poemas nesta parte do livro: (I) sinais melancólicos, (II) sinais purificadores, (III) sinais reveladores e, finalmente, (IV) sinais místicos. Ainda que tais elementos, por vezes, se mesquem em algumas poesias e quase sempre estejam marcados por uma expectativa.

Os poemas melancólicos representam personagens e paisagens que parecem servir para expressar, metaforicamente, sentimentos confusos frente a uma realidade da qual estamos deslocados, como em “A tela” (p. 18):

A mosca
presa
na cela

sobrevoa
os cômodos
inquieta

não entende
por que o homem
se incomoda tanto
com ela

Como o morcego-consciência de Augusto dos Campos, a mosca-inquietação de Iara representa um incômodo. Esse pode ser tanto um sentimento de inadequação como a angústia frente à morte que espreita. As assonâncias em /e/ e /a/ (presa, cela, inquieta, ela) fazem eco e desassossegam ainda mais o leitor, transportando-nos para um espaço exíguo e precário, como aquele em que a mosca se encontra.

Já os poemas purificadores evidenciam o elemento fogo, que vai representar, simultaneamente, o perigo e o prenúncio de uma transformação, como se lê em “Signo” (p. 10):

Aqui na Terra
acende-se a pólvora
das tensões

Círios e incensos
acordam
os espíritos

perfumes e ervas
atiçam
os desejos

a lua cresce
em aquário

O fogo está na pólvora, que desencadeia conflitos, porém também aparece nos círios e nos incensos, que serão acesos para velar e chamar espíritos protetores. Além disso, a forma verbal “atiçam” participa do campo semântico e remete a avivar a brasa e os desejos de mudança vaticinados pela referência a “aquário”, uma era na qual se acredita que a humanidade entrará em uma nova fase voltada para a evolução espiritual.

Por outro lado, os poemas reveladores nos levam a contemplar o mundo com uma visada diferente e perceber outra realidade por trás de nossos pré-julgamentos, preconceitos e limitações, caso de “Beleza natural”, em que “Algo de belo/ acontece/ quando se retira/ a graxa/ dos olhos/ e se vê/ apenas” (p. 14).

Finalmente, os poemas místicos anunciam um novo tempo, uma mudança universal baseada, principalmente, em filosofias orientais, que pregam a renovação pessoal e coletiva. O poema “A dança de Shiva” (p. 17) é um exemplo desse sinal:

O universo dança:
de um lado o tambor
de outro a lira

Ouve-se a música
De um novo século

Aqui é anunciado explicitamente um novo tempo. A poesia descreve uma conhecida imagem do deus hindu Shiva, comumente denominado como o deus da destruição, mas que, na dança, equilibra o fogo destruidor com a criação da música em um fluxo evolutivo. Dessa forma, lembra-nos que tudo que é criado vai morrer para renascer e evoluir. O poema dialoga com o simbolismo cósmico e a energia renova-se na dança do universo.

Aos “Sinais”, por vezes suaves e ligeiros, que traziam augúrios de mudanças, seguem-se “Ritos” fortes, transformadores, densos de pesares e significados. Nesta parte de *A íntima humanidade* os elementos em espera apresentados no primeiro trecho serão mobilizados. A suspensão dos movimentos/atos será substituída pela atividade explícita dos rituais. Nos treze poemas dessa série prevalecem os verbos, assegurando o desejo de afirmar a postura ativa dos poemas que aqui se inserem.

São ritos de transformação, em sua maioria, que tematizam a morte, a doença, mas também a esperança, a chegada de um novo tempo e a revelação. Eles não deixam de ressaltar a passagem de um estado para outro, que parece se impor inexoravelmente, a despeito das decisões pessoais. Como lê-se em “Rito de passagem” (p. 37):

Entre a luz e a sombra
movimenta-se o homem
antes do fim

No meio do nada
aguarda
a nova estação:

um corpo novo talvez
e a mesma
aura

O rito se impõe e é recebido resignadamente, sem interferência. Esse movimento universaliza os poemas, proporcionando uma sensação de amplitude. Predomina

uma 3ª pessoa oculta, que imprime um caráter impessoal e certo distanciamento, é apresentada uma realidade que está posta e não pode ser questionada. Essa última característica manifesta-se igualmente em “C. 54.1” (p. 29):

Encolhida
no papel
a sigla
é eufemismo

fora dele
se
amplia

e revela
a
malícia

Um título curioso que verticaliza e ressignifica a leitura do poema após uma consulta ao seu significado. É o número da CID (Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde elaborada pela Organização Mundial da Saúde) para neoplasia maligna do endométrio – câncer de útero. O *enjambement* da primeira estrofe pode ser entendido como a reação de quem recebeu a notícia, mas também pode se referir à sigla tão pequena no papel para expressar a imensa carga da doença revelada. É um ritual de transformação compulsório, que se impõe maliciosamente como nos diz o poema.

Há, além disso, na poética de Iara Vieira, a presença marcante de paradoxos, responsáveis por equilibrarem os dois pratos da balança literária da autora, que equacionam as tensões entre vida e morte incorporadas à sua realidade lírica, como podemos notar em “A morte de Maya” (p. 25):

Cada dia é único
para quem a morte
corteja
e dela se esquiva

não há antes
nem depois

só o instante
a cara nova
da vida

O texto centra-se no presente, no momento instantâneo da vida, que é fotografado na poesia, mas que é rondado pela morte. Ainda que possamos identificar três

unidades temporais – o dia, que deve ser valorizado por sua singularidade; o tempo linear, com passado (antes) e futuro (depois); e, por fim, o instante, uma unidade muito menor e muito menos tangível –, a poeta foca sua atenção no agora, que precisa ser capturado pelo seu poder vivificador.

Todos esses rituais nos encaminham para a terceira parte “Íntima humanidade”, que ecoa o título do livro, no que parece ser uma tentativa de reforçar a necessidade de adentrarmos no cerne das questões provocadas pelo texto. Os treze poemas finais revelam a assunção de uma postura paciente de aceitação ao destino. É o momento em que a resignação frente ao inevitável funciona como catalisador para a transcendência, que já se insinua desde o início da obra.

“Memória da serpente” (p. 41) oscila para a resignação perante a mudança, diante de nova situação: “Aceito o que não mais me serve:/ aquela pele escura/ grudada na alma/ pôs a nu sombra/ e luz”. O eu-lírico conforma-se em perder aquilo que não é mais necessário – seu corpo deteriorado. Contudo, o poema ainda traz resquícios dos ritos de transformação: “Escama que arrancou/ a pele antiga,/ de onde nasce outra, ambígua,/ cuja textura também ilumina”. A nova pele que estava dentro do antiga – seu âmago renasce em uma transcendência iluminada.

As diversas referências bíblicas se tornam mais patentes nesse fragmento do livro. Não podemos deixar de assinalar a relação do poema com a serpente bíblica, que pode representar, ao mesmo tempo, a tentação e a sabedoria (a sombra e a luz). Os sons de /u/, que ocorrem em “escura”, “grudada”, “nu”, “luz”, “ambígua”, “textura”, “ilumina” densificam o poema. Pode-se considerar que há um tipo de morte com a perda da pele antiga e uma espécie de renascimento, quando a pele nova surge, trazendo luz para a escuridão passada.

Nesse ponto, ressaltamos outra constante nos textos contemporâneos, estreitamente relacionada com a presentificação, que é a presença do trágico (RESENDE, 2008). A tragicidade se dissemina nas relações sociais, na inevitabilidade do destino, assim como no sentimento trágico frente à existência. “Insight” (p. 43) representa bem essa tendência, como podemos observar a seguir:

Manhã de luz esta que se ergue.
A flecha escolhe o alvo
e eu aceito
A pétala não aliviará o coração.
Aprendi a não me assustar
com o que fere

“Insight” pode ser entendido como uma ideia repentina, um momento de iluminação de potência tão grandiosa quanto a manhã de luz que surge. Ao mesmo tempo, o eu-lírico é assaltado pela rapidez da flecha, de dor que sente em si e que aceita com

resignação. Nem a brandura, a maciez ou o conforto transfigurados na imagem da pétala serão suficientes para aliviar a certeza da flechada trágica. Vemos um eu-lírico, acostumado com as dores da vida, que já aprendeu a não se assustar com seus ferimentos e perdas. Ele encara a inevitabilidade de seu destino com uma conformação estoica: a dor chegará, só resta aceitá-la, e, assim, alcançar a transcendência.

No poema “Alquimia” (p. 44), que conjuga o misticismo alquímico com elementos cristãos, veremos que a tragicidade diante da existência permitirá ao eu-lírico assumir uma postura de resignação severa e rigorosa.

O ombro aguenta
o peso
da madeira

o peso é leve
quando se convive
com ele

A primeira estrofe nos remete ao padecimento de Cristo na Via Sacra, carregando sua cruz. O eu-lírico se coloca como um sofredor, cujo ombro aguenta as dores, opressões e dificuldades de sua vida. Observamos que, na segunda estrofe, ele aceita tudo isso com tamanha sujeição que acontece a alquimia: a aceitabilidade de sua condição permite que o peso se transmute em algo leve.

As poesias apresentam um caráter imagético, em que os objetos externos – a flecha, a cruz de madeira – carregam consigo cargas simbólicas de dor e sofrimento, acolhidas pelo eu-lírico sem revolta alguma, ele os aceita conformado. Dessa maneira, podemos considerar que, tanto nos sentimentos de resignação, quanto na preocupação ontológica, “o trágico estabelece um efeito peculiar com o indivíduo, supera-o e traça uma relação direta com o destino” (RESENDE, 2008, p. 30).

A partir deste ponto, é fundamental destacarmos que, na última parte do livro, o desgaste do corpo é inversamente proporcional à transcendência do espírito. No poema “Fênix” (p. 45), a matéria desgastada que veste os seres humanos no fim da existência diverge da beleza viva e pujante que habita seu interior:

Sem asas
para manter-se
o corpo
enfraquece

até que
a cinza
o recupera

a vida
emerge
da morte

coisa
viva

Os versos escandidos são pronunciados em curtas emissões, que nos sugerem os últimos fôlegos de alguém que se despede da vida, mas deixa uma mensagem de esperança e a certeza de uma transcendência mística, que, na poesia de Iara, congrega elementos de diversas religiões e crenças.

Proença Filho (2006) comenta sobre a multiplicidade da poesia brasileira desde a década de 1970 e destaca as quatro vias/tendências da literatura contemporânea, a saber: a tradição revitalizada, a tradição modernista revisitada, as vanguardas dos anos 50 e 70 e, por fim, a emergência de segmentos preocupados com identidades culturais. As tendências se interinfluenciam, mas têm características bem marcadas.

A tradição revitalizada apresenta um viés classicizante, com versos medidos, imagística, nuances simbolistas e, embora exponha temáticas universalizantes, traz reflexões históricas voltadas para o contemporâneo. Na tradição modernista revisitada despontam poemas curtos com versos livres e brancos, traços de humor, elementos da vida cotidiana, reflexões sobre a existência e uma perspectiva crítica da realidade brasileira. Já as vanguardas dos anos 50 e 70 resgatam alguns ideais do movimento concretista e da poesia marginal, delineando-se, na contemporaneidade, como poesia eletrônica, por exemplo. Por fim, as identidades culturais, por sua vez, valorizam as representações da mulher, dos afrodescendentes, da homossexualidade, da periferia, na tentativa de dar voz às categorias, até então, relegadas a um lugar menor.

A poesia de Iara Vieira insere-se na tradição modernista revisitada, que tem o modernismo como inspiração e grande influenciador. Dentro da contemporaneidade pós-modernista também é possível destacar: ausência de valores e regras, individualismo, espontaneidade, pluralidade, liberdade de expressão, combinação de várias tendências, economia de palavras e consciência do fazer poético. Contudo, notamos que o poeta contemporâneo, ao mesmo tempo em que nega a tradição – seja subvertendo a forma, os conteúdos ou os temas – não deixa de revalorizá-la, pois, ao mostrar elementos subvertidos, resgata-os da tradição.

Segundo Nunes (2009), essa mistura entre tradição e contemporaneidade pode ser chamada de enfolhamento de tradições, que significa

[...] a conversão de cânones, esvaziados de sua função normativa, em fontes livremente disponíveis com as quais incessantemente dialogam os poetas. Depara-se-nos com a convergência, o entrecruzamento dos múltiplos caminhos

por eles percorridos, que são outros textos, de tempos e espaços diferentes, na cena literária móvel do presente dentro da Biblioteca de Babel da nossa cultura. (NUNES, 2009, p. 168).

Portanto, percebe-se que o pluralismo da poesia contemporânea não pode ser considerado uma colagem do passado, mas uma releitura crítica. É um diálogo com o passado, para estabelecer relações estéticas, históricas e influências que o autor traz.

Nesse sentido, a objetividade e economia dos textos de Iara Vieira com seus versos curtos e a prevalência de substantivos, sua poesia cortante e seca nos adjetivos a aproxima da linhagem de poetas como Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Assim como a poesia cabralina, nos textos vieirianos os objetos concretos entram em cena para dar conta dos sentimentos e da realidade trágica. Além disso, as emoções não transbordam em seus versos.

A lírica de Iara Vieira aponta para algumas linhas de força sobre as quais nos debruçaremos brevemente. Em primeiro lugar, chama a atenção sua concisão. Sua obra privilegia os poemas curtos, cuja economia vocabular acaba, à primeira vista, por suscitar uma sensação de singeleza. Porém, um exame mais acurado revela um meticuloso trabalho poético, que se reflete em textos densos e carregados de significações. Cada palavra e sinal tem seu peso medido minuciosamente, desde os títulos até a pontuação.

Ademais, nota-se uma regularidade temática centrada em questões existenciais, melancólicas e trágicas. A associação desses motivos com seu estilo econômico permite leituras amplas e verticalizadas. É possível encontrar um foco direcional em cada um de seus livros, que orienta o olhar, estimulando-nos a uma leitura ativa.

Além disso, toda a sua poética se assenta sobre paradoxos e tentativas de subversão. Em “A morte de Maya” (VIEIRA, 2003, p. 25), por exemplo, a realidade é exposta em uma poesia interiorizada. É uma reflexão sobre a morte, mas não deixa de ser a exaltação da vida que ainda está aqui agora. Há um constante movimento entre vida e morte. A morte no título inicia o ciclo, e no último verso a vida o finaliza (ou reinicia).

Já no poema “Alquimia” (VIEIRA, 2003, p. 44), o peso que abre o poema logo se torna leve, contrariando as previsões, que tinham por expectativa uma via sacra de sofrimentos. A cruz é abraçada, a dor torna-se uma companheira, com quem se convive. Iara consegue subverter até a dor.

Há, ainda, que se comentar o título do livro *A íntima humanidade*, no qual a autora conjuga íntima – uma palavra que diz respeito a algo extremamente particular de cada pessoa – com humanidade – termo que agrega o conjunto de todos os seres humanos. Porém, humanidade também tem outros significados que podem revelar novas nuances e ampliar nossa compreensão, como o sentimento de compaixão pelo outro trazendo uma nova chave de leitura para a obra.

Todos esses exemplos revelam uma profunda consciência do fazer poético, que se reflete no texto e em todo o projeto literário da escritora. *A íntima humanidade* permite uma conversa reservada entre a arte e o humano. A poetisa nos fala da tragédia da existência, mas vista pela poesia com a força criativa que o fazer poético permite. Iara Vieira demonstra que o objetivo final da literatura é nos fazer mais humanos dentro das coisas humanas.

REFERÊNCIAS

NUNES, Benedito. *A clave do poético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *Concerto a quatro vozes*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2006.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/BN, 2008.

VIEIRA, Iara. *A íntima humanidade*. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe, 2003.